

AS EXPERIÊNCIAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ATLETAS DO NORDESTE DA BOCHA PARALÍMPICA

Matheus Jancy Bezerra Dantas, Dianne Cristina Souza de Sena, Wanessa Cristina Maranhão de Freitas Rodrigues, Yara Renaly Souza Pereira, Thaísa Lucas Filgueira Souza Dantas.

Faculdade Maurício de Nassau / ANDE, matheusjancy@gmail.com

Resumo: Em sua grande maioria, as pessoas com deficiência encontram grandes barreiras, sejam elas arquitetônicas ou atitudinais, para garantir seus direitos sociais. As pessoas com deficiências físicas severas tem essas barreiras ampliadas. A bocha paralímpica surge para atender as pessoas com paralisia cerebral severa e posteriormente outras deficiências com complicações motoras graves são inseridas na modalidade. As aulas de educação física na escola pode ser um fator fundamental no processo de garantir a efetividade desses direitos humanos e sociais, já que o esporte tem sido utilizado para melhorar a qualidade de vida das pessoas e suas condições biopsicossociais. **Objetivos:** Analisar as experiências dos atletas da bocha paralímpica do nordeste nas aulas de educação física no período escolar. **Metodologia:** Estudo transversal de amostra por conveniência, para análise descritiva qualitativa dos atletas participantes do Campeonato Nordeste de Bocha Paralímpica. A amostra foi de 57 atletas com idade média de 26,3 anos. Foi utilizado questionário que objetivava colher dados sobre as experiências na educação física escolar dos atletas. **Resultados:** Dos entrevistados 58,9% são do sexo masculino, 40,4% são atletas do RN, 33,3% tem o ensino médio incompleto, 80,2% estudaram em escolas públicas, 68,4% não participava das aulas de educação física, 54,4% informaram que as aulas de educação física não favoreciam o processo de inclusão, 70,2% não tiveram contato com o esporte na escola, 50,9% relataram que a educação física teve nenhuma importância na sua formação. **Conclusão:** Apesar das grandes possibilidades da inclusão nas aulas de educação física, para essa amostra a sistematização do conteúdo deste componente curricular dentro da escola não favoreceu transformações significativas nestes indivíduos.

Palavras-chave: Educação inclusiva, educação física, bocha paralímpica.

Introdução

Com o crescimento populacional e o aumento da violência, principalmente nos grandes centros urbanos, as pessoas estão mais suscetíveis a situações de risco que podem alterar o estado de saúde e a condição física. Apesar do desenvolvimento da medicina e dos processos de urgência e emergência nos hospitais e nos atendimentos moveis como a SAMU, o número de pessoas com deficiência tem crescido bastante nas últimas décadas, principalmente as deficiências físicas adquiridas advindas de acidentes automobilísticos, por mergulho em águas rasas, doenças e por armas de fogo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2011), no mundo, 1 bilhão de pessoas possuem algum tipo de deficiência, seja ela física, intelectual, auditiva ou visual. No Brasil, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), quarenta e cinco milhões seiscientos e seis mil e quarenta e oito pessoas se declaram deficientes, caracterizando 23,9% da população brasileira. Certamente, esse número ainda é maior, já que muitos ainda por vergonha ou com medo de discriminação escondem sua deficiência. Apesar dos dados levantados pelo IBGE, pouco se sabe sobre esses indivíduos e a falta de estatísticas sobre as pessoas com deficiência contribui para a invisibilidade das mesmas. Essa situação cria um grande obstáculo no planejamento e na implementação de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento e a melhoria de suas vidas.

Algumas deficiências, como as paralisias cerebrais severas, as esclerose lateral amiotrófica, as amiotrofias espinhais e as tetraplegias são consideradas mais incapacitantes que outras deficiências e quanto mais incapacitante a deficiência maior a dificuldade no processo de inclusão social. Contudo as aulas de educação física, em especial o esporte, na escola podem diminuir esse abismo e favorecer um processo mais facilitado. Muitos professores tem utilizado jogos motores adaptados e alguns outros se valido do esporte paralímpico, como a bocha, para favorecer esse processo.

De aparência simples e infantil no primeiro olhar, o jogo da bocha paralímpica vem ganhando adeptos em todo o Brasil, tanto praticantes quanto expectadores e admiradores, por ser um esporte complexo, rico em situações de jogo e extremamente estratégico. A cada lançamento da bocha um mundo de possibilidades são criadas e dizer qual atleta vencerá o confronto até o lançamento da última bocha é tão imprevisível quanto adivinhar o lado da moeda que cairá ao chão quando ela é lançada para cima. Acrescido a esses elementos, ainda temos o fato de ser praticado por pessoas com um quadro de disfunção motora severa, o que

torna cada partida um espetáculo de superação funcional e de plasticidade corporal. (DANTAS e DORE, 2018)

O jogo tem o objetivo de aproximar o número máximo de bolas de cor (vermelho ou azul) próximo a uma bola alvo ou Jack (bola branca) que pode ser lançada em qualquer posição, depois da linha V, dentro de uma quadra de 6m x 10m. Para a realização do jogo são utilizadas treze bolas, sendo seis azuis, seis vermelhas e 1 branca. As competições podem ser individual, em pares, ou equipes¹, jogado em quatro parciais nas competições individuais, nos pares BC3 e BC4 e em parciais nas competições em equipes. Ao final das parciais vence quem tiver obtido a maior pontuação. Existindo empate será realizado um *tie break* para definir o ganhador do jogo.

A bocha paralímpica surge para atender as pessoas com paralisia cerebral e posteriormente outras deficiências são inseridas na modalidade. O efeito da paralisia cerebral nas habilidades funcionais varia de pessoa para pessoa. Algumas pessoas vão ter maiores comprometimentos em decorrência da paralisia, o que pode acarretar uma necessidade e dependência de outras pessoas para a realização de suas necessidades básicas de vida diária, como se alimentar, tomar banho e necessidades fisiológicas. Outras pessoas vão ter comprometimentos mínimos da paralisia e muitas vezes esses sinais só serão identificados na exaustão física. Dessa forma, apesar de gerar uma limitação funcional, algumas vezes maior e outras vezes menor, em todas as situações existe a possibilidade de explorar o potencial muscular desses indivíduos. No caso da bocha, os atletas terão complicações severas em decorrência da paralisia cerebral.

O esporte tem sido utilizado para melhorar a qualidade de vida das pessoas e não obstante a isso, as pessoas com deficiência também tem utilizado do esporte com o objetivo de melhorar suas condições físicas, sociais e psicológicas.

No entanto, apesar das grandes oportunidades que o esporte traz a pessoa com deficiência, na escola elas encontram muitas dificuldades para realizarem e participarem de todas as atividades, inclusive das aulas de educação física. A escola é apenas o contexto micro de uma sociedade preconceituosa, com uma visão social construída historicamente em torno

¹ Nas competições de equipes jogam um trio formado por atletas das classes BC1 e BC2, tendo obrigatoriamente a presença de uma mulher, que pode estar na reserva, na composição da equipe.

da deficiência como sinônimo de dependência, doença, impossibilidades e sofrimentos. Essa visão, muitas vezes, nutri no imaginário social que elas são incapazes.

Depois da Declaração de Salamanca em 1994 e com a iniciativa de uma escola regular para todos com o fechamento das escolas especiais, o número de pessoas com deficiência frequentando a escola aumenta a cada ano. Na rede municipal de educação de Natal, o autismo, a síndrome de Down e a paralisia cerebral são as deficiências com as maiores prevalências entre os estudantes que são declarados deficientes. Inevitavelmente, em algum momento de sua formação educacional os professores terão contato com esses alunos em sala.

As barreiras que as pessoas com deficiência encontram dentro da escola, do seu local de trabalho e dos ambientes que frequentam vão além das arquitetônicas, as maiores delas são as barreiras atitudinais. São elas que dificultam e impedem essas pessoas de estarem desempenhando no dia a dia a sua cidadania. Dessa forma, a relação do outro com o deficiente é extremamente importante para a efetivação da inclusão.

Nessa perspectiva, este estudo tem o objetivo de analisar as experiências dos atletas da bocha paralímpica do nordeste nas aulas de educação física no período escolar

Metodologia

Estudo transversal de amostra por conveniência, para análise descritiva qualitativa dos atletas participantes do Campeonato Nordeste de Bocha Paralímpica que aconteceu em Natal/RN no período de 07 a 10 de junho. Contando com 73 atletas que foram convidados a participar deste estudo a partir de uma entrevista previamente agendada dentro da competição, sendo que 57 atletas, de ambos os sexos, com idade média de 26,3 anos, aceitaram participar, assinando o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os demais 17 atletas não participaram por motivos diversos.

Foi utilizado um questionário estruturado com oito perguntas que envolviam opções definidas de resposta, relacionadas a idade, etiologia da deficiência, sexo, estado de origem dos atletas, escolaridade, tipologia da escola, participação nas aulas de educação física, inclusão nas aulas de educação física e a importância deste conteúdo para a formação do caráter.

Os dados foram analisados utilizando estatística descritiva, estabelecendo percentual de respostas e médias de participação.

Resultados e discussão dos dados

Através dos dados coletados observamos que 58,9% dos entrevistados são do sexo masculino. A participação do homem no esporte sempre é maior que a participação da mulher. Contudo, esse número não apresenta diferença significativa para essa amostra. No que se diz respeito a pessoa com deficiência, percebe-se que tanto o homem quanto a mulher tem uma necessidade social de se mostrar útil. Nicolau, Schraiber e Ayres (2013), define deficiência como um fenômeno sociológico e ao fato da subalternidade dos deficientes não poder ser explicada somente pela presença de uma lesão, mas pelos obstáculos que enfrentam na vida social e política. Fator que explica a necessidade de se tornarem produtivos e participativos.

Certamente são números que devem ser festejados, basta lembrar a longa jornada percorrida pelas mulheres para terem direito a participarem e permanecerem no esporte de alto rendimento. Nos jogos olímpicos de Atenas em 1896, as mulheres não puderam participar com a justificativa de serem naturalmente fracas e que deviam estar preocupadas com a maternidade. Discursos que promoveram a discriminação e o preconceito sobre a mulher. Atualmente, as mulheres vem ganhando espaço nas participações dos jogos olímpicos e paralímpicos, tem se inserido com mais frequência e presença nos esportes.

Dos 57 atletas que responderam ao questionário, 40,4% são atletas do Rio Grande do Norte - RN. Por ter sido realizado em Natal, os atletas do RN não precisam ter gastos maiores com o transporte até o local de competição. O investimento no esporte de base para atletas com deficiência tem as mesmas características do esporte de base olímpico, pouco investimento.

Quando questionados sobre o contato com o esporte, 70,2% dos atletas da bocha não tiveram experiências esportivas dentro da escola. No entanto, as pessoas sem deficiência acessam o esporte pela escola, nas aulas de educação física, transitando através das três dimensões do esporte defendida por Tubino (1992), esporte-educação, esporte-participação e esporte-rendimento. Já para as pessoas com deficiência severa, o primeiro contato com o esporte se dá nos clubes diretamente no esporte-rendimento, já que muitos não tiveram acesso à educação física e conseqüentemente ao esporte na escola.

De acordo com Ferreira e Glat (2003), para oferecer uma educação de qualidade para TODOS os educandos, a escola precisa capacitar seus professores, preparar-se, organizar-se, enfim, adaptar-se. Precisa ser vencido o processo de integração onde o indivíduo com deficiência é colocado dentro da escola e deve ser ampliado a discussão da inclusão, onde a

escola avalia as necessidades específicas de cada estudante e dá suporte necessário ao professor para a sua ação pedagógica.

Dos atletas que participaram da pesquisa, 68,4% não participava das aulas de educação física, eles relataram que eram dispensados das aulas e encaminhados para casa quando as aulas de educação física aconteciam na última aula do quadro de horário, quando a aula aconteciam nos primeiros horários, eles ficavam em sala esperando a turma voltar da aula ou ficavam na quadra assistindo aos colegas participarem das atividades.

Apesar de toda discussão sobre a inclusão, é necessário ultrapassar a concepção de uma educação especial a partir de um modelo médico, a formação educacional do aluno com deficiência ela não é terapêutica, ela precisa ter ênfase na atividade acadêmica a partir de uma escola inclusiva.

O conceito de escola inclusiva, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Especial (MEC-SEESP, 2001), implica em uma reestruturação de postura da escola regular que perpassa pelo currículo e pelo projeto político pedagógico para que surjam novas metodologias na avaliação e nas estratégias de ensino na busca de ações que favoreçam a participação de todos, valorizando a diversidade em detrimento da homogeneidade.

Dos entrevistados, 64,9% tem o ensino fundamental completo e/ou médio incompleto, o que reflete um nível de escolarização muito baixo entre os participantes. De acordo com a ONU (2016), ter deficiência pode trazer inúmeras consequências sociais. Em média o custo de vida aumenta 30% para esses indivíduos. Muitas delas não conseguem concluir o ensino básico, seja por falta de acessibilidade ou simplesmente pela ignorância da família e/ou vergonha.

Estudaram em escolas públicas 80,2%, o que pode explicar em partes os números encontrados. Aponta Siqueira (2009), que a maioria das escolas públicas estão inseridas em prédios antigos e as barreiras arquitetônicas impostas às pessoas com deficiência são formadas por toda e qualquer barreira relacionada às construções urbanas ou às edificações. Essas barreiras impedem o direito de ir e vir. A presença de escadas, degraus altos, banheiros não adaptados, portas e elevadores estreitos favorecem a desistência e o abandono do estudante com deficiência a escola.

Ainda, 54,4% informaram que as aulas de educação física não favoreciam o processo de inclusão na escola. Apesar das políticas de inclusão que foram criadas para efetivar e reafirmar os seus direitos, elas por si só não são suficientes para transformar a realidade dessas pessoas, que encontram diversas barreiras comunicativas, arquitetônicas, e

principalmente no que dizem respeito as atitudes da sociedade em conjunto. Portanto, as barreiras de acessibilidade ultrapassam as arquitetônicas e desembocam nas barreiras atitudinais. Dessa forma, desconsiderar a subjetividade do aluno e não aceitar suas particularidades trazem prejuízos que refletem em sua aprendizagem, diante disso é preciso identificar e minimizar os danos causados por essas atitudes.

Para minimizar, o que relataram 50,9% dos atletas que participaram dessa pesquisa, que a educação física não teve nenhuma importância na sua formação enquanto cidadão. Medonça (2013), coloca que as barreiras atitudinais no que tange à educação e ao contexto escolar é um tema emergencial, assim como em outros âmbitos sociais as barreiras atitudinais também estão presente no ambiente escolar. Essas barreiras caracterizaram estigmas e rótulos construídos a respeito de outra pessoa que é vista como “diferente”, esses rótulos refletem o preconceito e a falta de conhecimento de como agir diante da pessoa com deficiência, e podem marginalizar a imagem desses indivíduos, reduzindo-a apenas a uma característica. Gallo, Orso e Fiório (2011), apontam a relação da falta de preparo do corpo docente para trabalhar e orientar os alunos com deficiência física nas atividades físicas ou de recreação como uma das causas da não participação destes indivíduos nas aulas.

Considerações Finais:

É inegável a contribuição do esporte paralímpico para o desenvolvimento biopsicossocial da pessoa com deficiência. Para Teodoro (2006), a motivação no esporte leva o indivíduo a querer superar seus próprios limites e a melhorar da autoestima. O que gera modificações físicas e psicológicas, ainda mais quando o indivíduo possui limitações motoras severas.

Contudo, ainda existe uma lacuna muito grande no esporte que acontece dentro da escola e nas aulas de educação física. Dessa forma, a inclusão da pessoa com deficiência perpassa por um processo empoderamento do indivíduo e por um processo de transformação da própria sociedade, de modo a proporcionar oportunidades de uma participação mais ativa e plena.

Muitas barreiras ainda precisam ser vencidas. Um fator importante a ser lembrado é que essas barreiras não são fixas, as mudanças sociais, novas configurações refletem em novas barreiras que surgem e se enraízam no ambiente social e escolar. Assim como outros fatores interferem na validação dos direitos assegurados a alunos que possuem algum tipo de deficiência, as barreiras atitudinais podem se perpetuar no ambiente escolar através das

atitudes de outros alunos, professores, e outras pessoas que estão presentes no dia a dia escolar, fatores que dificultam ou podem até mesmo impossibilitar o processo de escolarização e aprendizagem, muitas dessas atitudes nem sempre são percebidas, e podem fazer parte tanto do contexto de uma Escola Regular, como de uma Escola de Educação Inclusiva.

Durante muito tempo e até mesmo nos dias atuais, as pessoas com deficiências são vistas como incapazes, e por muitas vezes são excluídas em seus principais meios de desenvolvimento, como a própria escola, ou o seu ambiente familiar, por não serem vistos com olhar de possibilidades.

Estamos vivendo um processo de mudança comportamental em relação a inclusão da pessoa com deficiência na escola. A declaração de Salamanca em 1994 e as leis que exigem a inclusão dessa parcela da população são responsáveis pelo avanço. Entretanto, nem todos alcançam, ainda, de fato a igualdade de oportunidades e de direito. É necessário uma mudança estrutural de nossas escolas, para que se tornem acessível a todos os alunos e uma mudança estrutural da sociedade, que deve partir primariamente dentro da escola.

Mas isso só será possível pela transformação de preconceitos, paradigmas e estereótipos. É necessário antes de tudo um investimento na educação formal e na formação continuada de professores. A inclusão precisa correr pela via da sensibilidade e na escola esse processo é facilitado.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial. MEC-SEESP, 2001

FERREIRA, J. R. e GLAT, R. Reformas educacionais pós-LDB: **a inclusão do aluno com necessidades especiais no contexto da municipalização**. In: Souza, D. B. & Faria, L. C. M. (Orgs.) Descentralização, municipalização e financiamento da Educação no Brasil pós-LDB, pg. 372-390. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GALLO, Emanuela C. ORSO, Kelen Daiane; FIÓRIO, Franciane Barbieri. **Análise da acessibilidade das pessoas com deficiência física nas escolas de Chapecó-SC e o papel do fisioterapeuta no ambiente escolar**. O Mundo da Saúde, São Paulo: 2011.

NICOLAU, Stella Maris; SCHRAIBER, Lilia Blima; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade**: contribuições para a construção da integralidade em saúde. Revista Ciência e Saúde, 2013.

OMS - Organização Mundial da Saúde. A ONU e as pessoas com deficiência, *sito in*: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/> , acessado em 30/07/2018.

SIQUEIRA, F. V. **Barreiras arquitetônicas a idosos e portadores de deficiência física**: um estudo epidemiológico da estrutura física das unidades básicas de saúde em sete estados do Brasil. Ciên Saúde Colet. 2009;14(1):39-44.

TEODORO, C.M. **Esporte de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência**: relatos de atletas paraolímpicos. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. Cortez, 1993.

UNESCO. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: CORDE, 1994.